LIVRO III – As Leis Morais
CAPÍTULO II – Lei da Adoração

Índice

Assunto	Origem	Pagina
I – **Finalidade da adoração**	O Livro dos Espíritos	02
Amparo & Sustentação	O Consolador	08
A lição do bom samaritano	O Consolador	11
II **– Adoração Exterior**	O Livro dos Espíritos	02
Considerações sobre a adoração	O Consolador	13
III **– Vida Contemplativa**	O Livro dos Espíritos	03
Vida de isolamento e voto de silêncio	O Consolador	15
Operantes e contemplativos	O Consolador	17
IV – **Da Prece**	O Livro dos Espíritos	03
O caráter da Prece	O Consolador	19
A prece e sua eficácia	O Consolador	20
V – **Politeísmo**	O Livro dos Espíritos	05
Politeísmo ou paganismo	O Consolador	22
VI – **Sacrifícios**	O Livro dos Espíritos	06
Sacrifícios, mortificações e promessas	O Consolador	24
Sacrifícios de sangue agradam apenas aos Espíritos atrasados	O Consolador	26

Livro terceiro – As leis morais
Capítulo II – lei da Adoração

I – Finalidade da adoração

649. Em que consiste a adoração?
"Na elevação do pensamento a Deus. Deste, pela adoração, aproxima o homem sua alma."

650. Origina-se de um sentimento inato a adoração, ou é fruto de ensino?
"Sentimento inato, como o da existência de Deus. A consciência da sua fraqueza leva o homem a curvar-se
diante daquele que o pode proteger."

651. Terá havido povos destituídos de todo sentimento de adoração?
"Não, que nunca houve povos de ateus. Todos compreendem que acima de tudo há um Ente Supremo."

652. Poder-se-á considerar a lei natural como fonte originária da adoração?
"A adoração está na lei natural, pois resulta de um sentimento inato no homem. Por essa razão é que existe
entre todos os povos, se bem que sob formas diferentes."

II – Adoração exterior

653. Precisa de manifestações exteriores a adoração?
"A adoração verdadeira é do coração. Em todas as vossas ações, lembrai-vos sempre de que o Senhor tem sobre vós o seu olhar."

a) — Será útil a adoração exterior?
"Sim, se não consistir num vão simulacro. É sempre útil dar um bom exemplo. Mas, os que somente por afetação e amor-próprio o fazem, desmentindo com o proceder a aparente piedade, mau exemplo dão e não imaginam o mal que causam."

654. Tem Deus preferência pelos que o adoram desta ou daquela maneira?
"Deus prefere os que o adoram do fundo do coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, aos que julgam honrá-lo com cerimônias que os não tornam melhores para com os seus semelhantes.
"Todos os homens são irmãos e filhos de Deus. Ele atrai a si todos os que lhe obedecem às leis, qualquer que seja a forma sob que as exprimam.
"É hipócrita aquele cuja piedade se cifra nos atos exteriores.
Mau exemplo dá todo aquele cuja adoração é afetada e contradiz o seu procedimento.
"Declaro-vos que somente nos lábios e não na alma tem religião aquele que professa adorar o Cristo, mas que é orgulhoso, invejoso e cioso, duro e implacável para com outrem, ou ambicioso dos bens deste mundo. Deus, que tudo vê, dirá: o que conhece a verdade é cem vezes mais culpado do mal que faz, do que o selvagem ignorante que vive no deserto. E como tal será tratado no dia da justiça.
Se um cego, ao passar, vos derriba, perdoá-lo eis; se for um homem que enxerga perfeitamente bem, queixar-vos eis e com razão.
"Não pergunteis, pois, se alguma forma de adoração há que mais convenha, porque equivaleria a perguntardes se mais agrada a Deus ser adorado num idioma do que noutro. Ainda uma vez vos digo: até ele não chegam os cânticos, senão quando passam pela porta do coração."

655. Merece censura aquele que pratica uma religião em que não crê do fundo dalma, fazendo-o apenas pelo respeito humano e para não escandalizar os que pensam de modo diverso?
"Nisto, como em muitas outras coisas, a intenção constitui a regra. Não procede mal aquele que, assim fazendo, só tenha em vista respeitar as crenças de outrem. Procede melhor do que um que as ridiculize, porque, então, falta à caridade. Aquele, porém, que a pratique por interesse e por ambição se torna desprezível aos olhos de Deus e dos homens.
A Deus não podem agradar os que fingem humilhar-se diante dele tão-somente para granjear o aplauso dos
homens."

656. À adoração individual será preferível a adoração em comum?
"Reunidos pela comunhão dos pensamentos e dos sentimentos, mais força têm os homens para atrair a si os bons Espíritos. O mesmo se dá quando se reúnem para adorar a Deus. Não creiais, todavia, que menos valiosa seja a adoração particular, pois que cada um pode adorar a Deus pensando nele."

III – Vida contemplativa

657. Têm, perante Deus, algum mérito os que se consagram à vida contemplativa, uma vez que nenhum mal fazem e só em Deus pensam?
"Não, porquanto, se é certo que não fazem o mal, também o é que não fazem o bem e são inúteis. Demais, não fazer o bem já é um mal. Deus quer que o homem pense nele, mas não quer que só nele pense, pois que lhe impôs deveres a cumprir na Terra. Quem passa todo o tempo na meditação e na contemplação nada faz de meritório aos olhos de Deus, porque vive uma vida toda pessoal e inútil à Humanidade e Deus lhe pedirá contas do bem que não houver feito." (640)

IV – Da prece

658. Agrada a Deus a prece?
"A prece é sempre agradável a Deus, quando ditada pelo coração, pois, para ele, a intenção é tudo. Assim, preferível lhe é a prece do íntimo à prece lida, por muito bela que seja, se for lida mais com os lábios do que com o coração.
Agrada-lhe a prece, quando dita com fé, com fervor e sinceridade.
Mas, não creiais que o toque a do homem fútil, orgulhoso e egoísta, a menos que signifique, de sua parte, um ato de sincero arrependimento e de verdadeira humildade."

659. Qual o caráter geral da prece?
"A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer."

660. A prece torna melhor o homem?
"Sim, porquanto aquele que ora com fervor e confiança se faz mais forte contra as tentações do mal e Deus lhe envia bons Espíritos para assisti-lo. É este um socorro que jamais se lhe recusa, quando pedido com sinceridade."

a) — Como é que certas pessoas, que oram muito, são, não obstante, de mau-caráter, ciosas, invejosas, impertinentes, carentes de benevolência e de indulgência e até, algumas vezes, viciosas?
"O essencial não é orar muito, mas orar bem. Essas pessoas supõem que todo o mérito está na longura da prece e fecham os olhos para os seus próprios defeitos. Fazem da prece uma ocupação, um emprego do tempo, nunca, porém, um estudo de si mesmas. A ineficácia, em tais casos, não é do remédio, sim da maneira por que o aplicam."

661. Poderemos utilmente pedir a Deus que perdoe as nossas faltas? as faltas. Aquele que a Deus pede perdão de suas faltas só o obtém mudando de proceder. As boas ações são a melhor prece, por isso que os atos valem mais que as palavras."

662. Pode-se, com utilidade, orar por outrem?
"O Espírito de quem ora atua pela sua vontade de praticar o bem. Atrai a si, mediante a prece, os bons Espíritos e estes se associam ao bem que deseje fazer."
O pensamento e a vontade representam em nós um poder de ação que alcança muito além dos limites da nossa esfera corporal.
A prece que façamos por outrem é um ato dessa vontade. Se for ardente e sincera, pode chamar, em auxílio daquele por quem oramos, os bons Espíritos, que lhe virão sugerir bons pensamentos e dar a força de que necessitem seu corpo e sua alma. Mas, ainda aqui, a prece do coração é tudo, a dos lábios nada vale.

663. Podem as preces, que por nós mesmos fizermos, mudar a natureza das nossas provas e desviar-lhes o curso?
"As vossas provas estão nas mãos de Deus e algumas há que têm de ser suportadas até ao fim; mas, Deus sempre leva em conta a resignação. A prece traz para junto de vós os bons Espíritos e, dando-vos estes a força de suportá-las corajosamente, menos rudes elas vos parecem. Hemos dito que a prece nunca é inútil, quando bem, feita, porque fortalece aquele que ora, o que já constitui grande resultado.
Ajuda-te a ti mesmo e o céu te ajudará, bem o sabes.
Demais, não é possível que Deus mude a ordem da natureza ao sabor de cada um, porquanto o que, do vosso ponto de vista mesquinho e do da vossa vida efêmera, vos parece um grande mal é quase sempre um grande bem na ordem geral do Universo. Além disso, de quantos males não se constitui o homem o próprio autor, pela sua imprevidência ou pelas suas faltas? Ele é punido naquilo em que pecou.
Todavia, as súplicas justas são atendidas mais vezes do que supondes. Julgais, de ordinário, que Deus não vos ouviu, porque não fez a vosso favor um milagre, enquanto que vos assiste por meios tão naturais que vos parecem obra do acaso ou da força das coisas. Muitas vezes também, as mais das vezes mesmo, ele vos sugere a idéia que vos fará sair da dificuldade pelo vosso próprio esforço."

664. Será útil que oremos pelos mortos e pelos Espíritos sofredores?
E, neste caso, como lhes podem as nossas preces proporcionar alívio e abreviar os sofrimentos?
Têm elas o poder de abrandar a justiça de Deus?
"A prece não pode ter por efeito mudar os desígnios de Deus, mas a alma por quem se ora experimenta alívio, porque recebe assim um testemunho do interesse que inspira àquele que por ela pede e também porque o desgraçado sente sempre um refrigério, quando encontra almas caridosas que se compadecem de suas dores. Por outro lado, mediante a prece, aquele que ora concita o desgraçado ao arrependimento e ao desejo de fazer o que é necessário para ser feliz. Neste sentido é que se lhe pode abreviar a pena, se, por sua parte, ele secunda a prece com a boa vontade. O desejo de melhorar-se, despertado pela prece, atrai para junto do Espírito sofredor Espíritos melhores, que o vão esclarecer, consolar e dar-lhe esperanças. Jesus orava pelas ovelhas desgarradas, mostrando-vos, desse modo, que culpados vos tornaríeis, se não fizésseis o mesmo pelos que mais necessitam das vossas preces."

665. Que se deve pensar da opinião dos que rejeitam a prece em favor dos mortos, por não se achar prescrita no Evangelho?
"Aos homens disse o Cristo: Amai-vos uns aos outros.
Esta recomendação contém a de empregar o homem todos os meios possíveis para testemunhar aos outros homens afeição, sem haver entrado em minúcias quanto à maneira de atingir ele esse fim. Se é certo que nada pode fazer que o Criador, imagem da justiça perfeita, deixe de aplicá-la a

todas as ações do Espírito, não menos certo é que a prece que lhe dirigis por aquele que vos inspira afeição constitui, para este, um testemunho de que dele vos lembrais, testemunho que forçosamente contribuirá para lhe suavizar os sofrimentos e consolá-lo. Desde que ele manifeste o mais ligeiro arrependimento, mas só então, é socorrido. Nunca, porém, será deixado na ignorância de que uma alma simpática com ele se ocupou. Ao contrário, será deixado na doce crença de que a intercessão dessa alma lhe foi útil.
Daí resulta necessariamente, de sua parte, um sentimento de gratidão e afeto pelo que lhe deu essa prova de amizade ou de piedade. Em consequência, crescerá num e noutro, reciprocamente, o amor que o Cristo recomendava aos homens.
Ambos, pois, se fizeram assim obedientes à lei de amor e de união de todos os seres, lei divina, de que resultará a unidade, objetivo e finalidade do Espírito."

666. Pode-se orar aos Espíritos?
"Pode-se orar aos bons Espíritos, como sendo os mensageiros de Deus e os executores de suas vontades. O poder deles, porém, está em relação com a superioridade que tenham alcançado e dimana sempre do Senhor de todas as coisas, sem cuja permissão nada se faz. Eis por que as preces que se lhes dirigem só são eficazes, se bem, aceitas por Deus."

V – Politeísmo

667. Por que razão, não obstante ser falsa, a crença politeísta é uma das mais antigas e espalhadas?
"A concepção de um Deus único não poderia existir no homem, senão como resultado do desenvolvimento de suas idéias. Incapaz, pela sua ignorância, de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, atuando sobre a matéria, conferiu-lhe o homem atributos da natureza corpórea, isto é, uma forma e um aspecto e, desde então, tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade. Tudo o que não compreendia devia ser obra de uma potência sobrenatural. Daí a crer em tantas potências distintas quantos os efeitos que observava, não havia mais que um passo. Em todos os tempos, porém, houve homens instruídos, que compreenderam ser impossível a existência desses poderes múltiplos a governarem o mundo, sem uma direção superior, e que, em consequência, se elevaram à concepção de um Deus único."

668. Tendo-se produzido em todos os tempos e sendo conhecidos desde as primeiras idades do mundo, não haverão os fenômenos espíritas contribuído para a difusão da crença na pluralidade dos deuses?
"Sem dúvida, porquanto, chamando deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tinham por deuses os Espíritos.
Daí veio que, quando um homem, pelas suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, por sua morte, lhe rendiam culto." (603)
A palavra deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla.
Não indicava, como presentemente, uma personificação do
Senhor da Natureza. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade. Ora, tendo-lhes as manifestações espíritas revelado a existência de seres incorpóreos a atuarem como potência da Natureza, a esses seres deram eles o nome de deuses, como lhes damos atualmente o de Espíritos. Pura questão de palavras, com a única diferença de que, na ignorância em que se achavam, mantida intencionalmente pelos que nisso tinham interesse, eles erigiram templos e altares muito lucrativos a tais deuses, ao passo que hoje os consideramos simples criaturas como nós, mais ou menos perfeitas e despidas de seus invólucros terrestres. Se estudarmos atentamente os diversos atributos das divindades pagãs, reconheceremos, sem esforço, todos os de que vemos dotados os Espíritos nos diferentes graus

da escala espírita, o estado físico em que se encontram nos mundos superiores, todas as propriedades do perispírito e os papéis que desempenham nas coisas da Terra.
Vindo iluminar o mundo com a sua divina luz, o Cristianismo não se propôs destruir uma coisa que está na Natureza. Orientou, porém, a adoração para Aquele a quem é devida. Quanto aos Espíritos, a lembrança deles se há perpetuado, conforme os povos, sob diversos nomes, e suas manifestações, que nunca deixaram de produzir-se, foram interpretadas de maneiras diferentes e muitas vezes exploradas sob o prestígio do mistério. Enquanto para a religião essas manifestações eram fenômenos miraculosos, para os incrédulos sempre foram embustes. Hoje, mercê de um estudo mais sério, feito à luz meridiana, o Espiritismo, escoimado das idéias supersticiosas que o ensombraram durante séculos, nos revela um dos maiores e mais sublimes princípios da Natureza.

VI – Sacrifícios

669. Remonta, a mais alta antiguidade o uso dos sacrifícios humanos. Como se explica que o homem tenha sido levado a crer que tais coisas pudessem agradar a Deus?
“Primeiramente, porque não compreendia Deus como sendo a fonte da bondade. Nos povos primitivos a matéria sobrepuja o espírito; eles se entregam aos instintos do animal selvagem. Por isso é que, em geral, são cruéis; é que neles o senso moral ainda não se acha desenvolvido. Em segundo lugar, é natural que os homens primitivos acreditassem ter uma criatura animada muito mais valor, aos olhos de Deus, do que um corpo material. Foi isto que os levou a imolarem, primeiro, animais e, mais tarde, homens.
De conformidade com a falsa crença que possuíam, pensavam que o valor do sacrifício era proporcional à importância da vítima. Na vida material, como geralmente a praticais, se houverdes de oferecer a alguém um presente, escolhê-lo eis sempre de tanto maior valor quanto mais afeto e consideração quiserdes testemunhar a esse alguém. Assim tinha que ser, com relação a Deus, entre homens ignorantes.”

a) — De modo que os sacrifícios de animais precederam os sacrifícios humanos?
“Sobre isso não pode haver a menor dúvida.”

b) — Então, de acordo com a explicação que vindes de dar, não foi de um sentimento de crueldade que se originaram os sacrifícios humanos?

“Não; originaram-se de uma idéia errônea quanto à maneira de agradar a Deus. Considerai o que se deu com Abraão. Com o correr dos tempos, os homens entraram a abusar dessas práticas, imolando seus inimigos comuns, até mesmo, seus inimigos particulares. Deus, entretanto, nunca exigiu sacrifícios, nem de homens, nem, sequer, de animais. Não há como imaginar-se que se lhe possa prestar culto, mediante a destruição inútil de suas criaturas.”

670. Dar-se-á que alguma vez possam ter sido agradáveis a Deus os sacrifícios humanos praticados com piedosa intenção?
“Não, nunca. Deus, porém, julga pela intenção. Sendo ignorantes os homens, natural era que supusessem praticar ato louvável imolando seus semelhantes. Nesses casos,
Deus atentava unicamente na idéia que presidia ao ato e não neste. À proporção que se foram melhorando, os homens tiveram que reconhecer o erro em que laboravam e que reprovar tais sacrifícios, com que não podiam conformar-se as idéias de Espíritos esclarecidos. Digo — esclarecidos, porque os Espíritos tinham então a envolvê-los o véu material; mas, por meio do livre-arbítrio, possível lhes era vislumbrar suas origens e fim, e muitos, por intuição, já compreendiam o mal que praticavam, se bem que nem por isso deixassem de praticá-lo, para satisfazer às suas paixões.”

671. Que devemos pensar das chamadas guerras santas?
O sentimento que impele os povos fanáticos, tendo em vista agradar a Deus, a exterminarem o mais possível os que não partilham de suas crenças, poderá equiparar-se, quanto à origem, ao sentimento que os excitava outrora a sacrificarem seus semelhantes?
"São impelidos pelos maus Espíritos e, fazendo a guerra aos seus semelhantes, contravêm à vontade de Deus, que manda ame cada um o seu irmão, como a si mesmo. Todas as religiões, ou, antes, todos os povos adoram um mesmo Deus, qualquer que seja o nome que lhe deem. Por que então há de um fazer guerra a outro, sob o fundamento de ser a religião deste diferente da sua, ou por não ter ainda atingido o grau de progresso da dos povos cultos? Se são desculpáveis os povos de não crerem na palavra daquele que o Espírito de Deus animava e que Deus enviou, sobretudo os que não o viram e não lhe testemunharam os atos, como pretenderdes que creiam nessa palavra de paz, quando lhes ides levá-la de espada em punho? Eles têm que ser esclarecidos e devemos esforçar-nos por fazê-los conhecer a doutrina do Salvador, mediante a persuasão e com brandura, nunca a ferro e fogo. Em vossa maioria, não acreditais
nas comunicações que temos com certos mortais; como quereríeis que estranhos acreditassem na vossa palavra, quando desmentis com os atos a doutrina que pregais?"

672. A oferenda feita a Deus, de frutos da terra, tinha a seus olhos mais mérito do que o sacrifício dos animais?
"Já vos respondi, declarando que Deus julga segundo a intenção e que para ele pouca importância tinha o fato.
Mais agradável evidentemente era a Deus que lhe oferecessem frutos da terra, em vez do sangue das vítimas. Como temos dito e sempre repetiremos, a prece proferida do fundo da alma é cem vezes mais agradável a Deus do que todas as oferendas que lhe possais fazer. Repito que a intenção é tudo, que o fato nada vale."

673. Não seria um meio de tornar essas oferendas agradáveis a Deus consagrá-las a minorar os sofrimentos daqueles a quem falta o necessário e, neste caso, o sacrifício dos animais, praticado com fim útil, não se tornaria meritório, ao passo que era abusivo quando para nada servia, ou só aproveitava aos que de nada precisavam?
Não haveria, qualquer coisa de verdadeiramente piedoso em consagrar-se aos pobres as primícias dos bens que Deus nos concede na Terra?
"Deus abençoa sempre os que fazem o bem. O melhor meio de honrá-lo consiste em minorar os sofrimentos dos pobres e dos aflitos. Não quero dizer com isto que ele desaprove as cerimônias que praticais para lhe dirigirdes as vossas preces. Muito dinheiro, porém, aí se gasta que poderia ser empregado mais utilmente do que o é. Deus ama a simplicidade em tudo. O homem que se atém às exterioridades e não ao coração é um Espírito de vistas acanhadas. Dizei, em consciência, se Deus deve atender mais à forma do que ao fundo."

Crônicas e Artigos **I. Finalidade da Adoração**
280 – 30/09/2012
O Consolador – (Leda Maria Flaborea)

Amparo & Sustentação

Fidelidade a Jesus é espírito de serviço até o último momento das nossas forças físicas "mas, livra-nos do mal." (1)

Quantos de nós já não pronunciamos essas palavras, seja em estado de preocupação verdadeira, seja pedindo ao Pai para nos colocar a salvo de perigos e tentações na vida diária?

O Evangelho mostra que, em dois momentos, Jesus faz essa solicitação a Deus: no primeiro, foi no Pão Nosso, que nos ensinou, ao encerrar o Sermão da Montanha, dizendo "não nos deixes cair em tentação, mas livra-nos do mal"; e, depois, no Sermão do Cenáculo ou última ceia, como é conhecida essa passagem, quando, despedindo-se dos discípulos, fez a oração que ficou gravada na mente dos queridos amigos, conhecida como Oração dos Discípulos, na qual roga a Deus para que não os tirasse do mundo, mas que os guardasse do mal.

Nessas duas oportunidades Jesus roga o amparo e a sustentação para todos nós e não o nosso afastamento do mundo. E por que Ele age assim? Para entender isso é necessário compreender o homem no meio em que ele vive. O homem é um ser biológico, enquanto matéria; um ser psíquico, enquanto Espírito; e um ser social, enquanto relacionado com outros. Assim, quanto mais evoluímos, mais aumenta a nossa interdependência com as outras pessoas. Por isso, o progresso só acontece quando há trabalho em grupo, ajuda mútua. Sozinhos, nos embrutecemos e nos debilitamos, porque somos seres gregários, criados para viver em sociedade, equipados com todos os instrumentos que possibilitam tal convivência. Dessa forma, vamos ajudando os que estão ao nosso redor – desde que o queiram – e sendo ajudados, aprendendo com os outros o que ainda não sabemos e ensinando aquilo que já sabemos, amando e sendo amados. Com isto em mente, é fácil perceber que só seremos úteis vivendo em grupo.

Então, quando Jesus nos ensina na Oração Dominical, para que Deus nos livre do mal, e pede a Ele que não afaste os seus discípulos do mundo, mas que também os proteja do mal, deixa claro que os homens não precisam isolar-se a pretexto de melhor servir a Deus.
Se no passado o isolamento de homens que até hoje são reverenciados era para despertar esse mesmo homem para os problemas da alma, hoje esse comportamento "sem finalidade prática, sem proveito para os semelhantes, expressaria egoísmo e acomodação à boa vida. Significaria fuga ao trabalho". (2)

O mundo é – sem sombra de dúvida – a nossa grande escola, e pelas dificuldades que passamos, pelos obstáculos que superamos para realizar a vida material, as lutas íntimas que travamos nos fazem criaturas cada vez melhores. Diante disso, podemos entender que é "impossível o ensinamento, fugindo à lição. Ninguém sabe, sem aprender". (3)

Assim, muitas vezes, fugimos das dificuldades, criamos ilusões fantasiosas, necessidades vãs, fazendo de conta que a vida é sempre um mar de rosas, um céu sem nuvens; ou revoltamo-nos, não aceitando as condições nas quais vivemos, esperando, em ambos os casos, que em algum momento um milagre aconteça e que a solução dos nossos problemas surja, sem que precisemos nos esforçar para isso. É preciso atenção às nossas escolhas para não complicarmos, ainda mais, a presente encarnação.

Citando judiciosa afirmação de Emmanuel, é importante observarmos ao nosso redor para reconhecer "onde, como e quando Deus nos chama, em silêncio, para colaborar com ele no desenvolvimento das boas obras, na sustentação da paciência, na intervenção caridosa em

assuntos inquietantes para que o mal não interrompa a construção do bem, na palavra iluminativa ou na seara do conhecimento superior, habitualmente ameaçada pelo assalto das trevas".

Todavia, o que encontramos ainda, é um grande número de discípulos do Evangelho que ao entenderem, ainda que de forma incipiente, a luz espiritual, recusam-se a continuar aprendendo, tendo em vista a ideia enganosa de que já sabem o suficiente. Quantos continuam fugindo do estudo, do aprimoramento de seus conhecimentos, do trabalho redentor, até mesmo como uma forma de protegê-los da intervenção de outras mentes não evangelizadas, em seu dia-a-dia?! Mas, se não aprenderam, não vivenciaram; e, se não vivenciaram, não podem dar testemunhos da sua evolução.
Quantas tarefas para as quais fomos encaminhados e as recusamos?! Quantas adiamos, mesmo sabendo que não poderíamos realizá-las?! E recuamos, assim, diante do esforço que nos levaria para frente. Declaramo-nos desejosos da união com o Cristo, mas abandonamos os irmãos necessitados de amparo, muitas vezes dentro do próprio ambiente doméstico, esquecidos que o Mestre amado, em momento algum, afastou-Se da humanidade terrena. Estimamos a oração que Ele nos ensinou, mas nos esquecemos de que rogou ao Pai que nos libertasse do mal, mas não nos afastasse da luta.

Lembra-nos Emmanuel que a sabedoria do Cristianismo não consiste em isolar o aprendiz na santidade artificialista, e, sim, em fazê-lo no campo de luta ativa de transformação do mal em bem, da treva em luz e da dor em bênção. A fidelidade que muitos dizemos ter ao Cristo não significa adoração eterna em sentido literal; significa, sim, espírito de serviço até o último momento das nossas forças físicas.

Em relação aos discípulos, no Sermão do Cenáculo, Jesus dirige-Se a Deus dizendo que Ele não pede que sejam tirados do mundo, mas, sim, que sejam guardados do mal, pois sabia das dificuldades pelas quais eles passariam, das lutas que enfrentariam, após sua morte, e que poderiam impedir os discípulos de dar prosseguimento à Sua tarefa. Tudo isso poderia criar um precedente perigoso para as futuras realizações do Evangelho. E o que seria de nós, hoje, se os Seus ensinamentos benditos não tivessem chegado à nossa vida.

Tanto eles, ontem, quanto nós próprios, hoje, não prescindimos das lutas terrenas, porque elas corrigem, aperfeiçoam e iluminam os Espíritos necessitados, que retornam ao corpo físico para prosseguir sua jornada iluminativa.
O certo é que "Ninguém pode dar testemunho de valor espiritual se não vive provas difíceis, dramas intensos, complicados problemas. Ninguém pode dar testemunho de resistência moral se não sentiu o impacto de fortes tentações, sobrepondo-se, no entanto, a todas elas, pela inabalável determinação de vencer, pelo desejo de realizar-se", (4) ao menos aqueles que ainda estão atrelados à vida material grosseira, como é o caso da humanidade que vive sobre este planeta.

É prova difícil viver no mundo, sabemos; mas não impossível. Por essa razão o pedido de Jesus, tanto em uma quanto em outra oração, é exortação à vigilância, para que não venhamos sucumbir ante o mal, nas suas mais diferentes manifestações, pois o mal, em qualquer circunstância, é desarmonia à frente da Lei e todo desequilíbrio tem como consequência a dificuldade e o sofrimento. Mas, independentemente de tudo isso, fortalecidos pelas eternas lições do Excelso amigo, nos converteremos, como muitos já o fizeram, em exemplos vivos e atuantes de amor e trabalho no bem!

Com o tempo e a misericórdia divina que nos dão novas chances de recomeço através das vidas sucessivas, teremos aprendido a valorizar as oportunidades de luta redentora, vencendo nossas imperfeições morais, e nos transformando em verdadeiros discípulos de Jesus, levando paz, consolo e reconforto aos necessitados que encontrarmos pelo caminho.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

O Apóstolo Paulo, na carta aos romanos, cap. 12, versículo 21, traz consoladoras palavras: pede que não nos deixemos vencer pelo mal, mas que vençamos o mal com o bem, pois, passada a tempestade, tudo se encaminha para o reajustamento e a harmonia.

Roguemos, pois, ao Pai de infinita bondade, que continue nos assistindo em nossas lutas. Que ampare nossos pequenos passos, para que mais adiante, amparados pelos ensinamentos de Jesus, consigamos avançar com firmeza em direção ao Seu amor.

Bibliografia:

(1). **Mateus**, 6:13.

(2). **Martins** Peralva, Estudando o Evangelho, “O Cristão e o Mundo”, (cap. 5 – p. 40.)

(3). **Emmanuel,** Vinha de Luz, (psicografia Chico Xavier), (lição 57.)

(4). **Martins** Peralva, Estudando o Evangelho, “O Cristão e o Mundo”, (cap. 5 – p. 41.)

Crônicas e Artigos **I. Finalidade da Adoração**
460 10/04/2016
O Consolador – (Altamirando Carneiro)

A lição do bom Samaritano

Jesus contou a parábola do bom Samaritano (Lucas, 10: 25 a 37), depois que um doutor da lei levantou-se, tentando-o, e dizendo: Mestre, que farei para herdar a vida eterna?
Jesus lhe disse: Que está escrito na lei? Como lês?

E respondendo, ele disse: Amarás ao Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, e de toda a tua alma, e de todas as tuas forças, e de todo o teu entendimento e ao teu próximo como a ti mesmo.
E disse-lhe: Respondeste bem; faze isso e viverás.

Ele, porém, querendo justificar-se a si mesmo, disse a Jesus: E quem é o meu próximo?
E, respondendo, Jesus disse: Descia um homem de Jerusalém para Jericó, e caiu nas mãos dos salteadores, os quais o despojaram e, espancando-o, se retiraram, deixando-o meio-morto.

E, ocasionalmente, descia pelo mesmo caminho certo sacerdote; e, vendo-o, passou de largo.
E, de igual modo, também um levita, chegando àquele lugar e vendo-o, passou de largo.
Mas um samaritano que ia de viagem chegou ao pé dele e, vendo-o, moveu-se de íntima compaixão.

E, aproximando-se, atou-lhe as feridas, aplicando-lhes azeite e vinho; e, pondo-o sobre a sua cavalgadura, levou-o para uma estalagem e cuidou dele;
E, partindo no outro dia, tirou dois dinheiros, e deu-os ao hospedeiro, e disse-lhe: Cuida dele, e tudo o que de mais gastares eu to pagarei, quando voltar.

– Qual, pois, destes três te parece que foi próximo daquele que caiu nas mãos dos salteadores?
E ele disse: O que usou de misericórdia para com ele.
Disse, pois, Jesus: Vai e faze da mesma maneira.

Direto ao assunto – No tempo de Jesus, os discursos eram feitos de maneira diferente do que são feitos hoje. O assunto principal era colocado logo no início da fala. Tinha-se como costume falar em parábolas, historinhas com assuntos extraídos dos costumes e da vida da época, que muito facilitava a compreensão do homem daquele tempo.
Ao contrário de hoje, o orador podia ser interrompido a qualquer momento da sua conversação. Por isso, vemos no Evangelho que Jesus foi interrompido inúmeras vezes quando falava e muitas dessas vezes pelos chamados doutores da lei, que faziam perguntas capciosas, com a finalidade de colocar o Mestre em contradição, coisa que jamais conseguiram e isso os deixava furiosos.

Pouca espiritualidade – Os doutores da lei tinham profundo conhecimento das leis de Moisés e demais livros do Velho Testamento. Jesus deixou bem claro que não tinha vindo para derrogar as leis, mas para dar-lhes cumprimento e, naturalmente, nova interpretação: de leis baseadas no olho por olho, dente por dente, para leis baseadas na caridade, na humildade e no amor ao próximo. Essas leis a que eles se apegavam estão contidas nos primeiros cinco livros do Antigo Testamento, atribuídos a Moisés: Gênesis, Êxodo, Levítico, Número e Deuteronômio – o chamado Pentateuco, ou a Torá.
Como Jesus os classificou, os doutores da lei eram hipócritas e usavam a religião para proveito próprio.

Samaritanos, a "escória" – A Samaria situava-se ao Norte de Israel, entre a Judeia e a Galileia, região de montanhas e montes. Eram malvistos por só admitirem o Pentateuco, que continha as leis de Moisés, e rejeitarem todos os outros livros que foram posteriormente anexados. Seus livros

sagrados eram escritos em caracteres hebraicos da mais alta antiguidade. Para os judeus ortodoxos, os samaritanos eram heréticos e, portanto, desprezados, anatematizados e perseguidos.
A fim de não terem que ir a Jerusalém para as celebrações das festas religiosas, os samaritanos construíram imenso templo próprio e adotaram certas reformas. A Samaria tornou-se a capital do reino dissidente do reino de Israel. Os hebreus evitavam cruzar a região.

Caridade e religião – Jesus, o pedagogo por excelência, usou a figura do samaritano para mostrar ao orgulhoso e prepotente doutor da lei o verdadeiro sentido da caridade, que independe da religião.
A parábola do bom samaritano nos mostra que as coisas do Espírito são reveladas aos simples; que não basta memorizar as Escrituras, mas cumprir os seus ensinamentos; que devemos amar indistintamente e perdoar indefinidamente.
Educador por excelência, Jesus nos mostrou, nesta admirável parábola, que o viajante ferido é a Humanidade; o sacerdote e o levita são os ministros religiosos, que pregam, falam bonito, mas agem de acordo com as suas conveniências.
O samaritano é Jesus; o azeite é o símbolo da fé; o vinho, o suco da vida; os dois dinheiros, a caridade e a sabedoria; o mais que o enfermeiro gastar, a abnegação, a vigília, a paciência, a dedicação; o hospedeiro simboliza os que recebem os ensinamentos de Jesus.

Ensinamentos de Jesus, na Samaria – O sentimento de ódio pelos samaritanos era tão arraigado que mesmo os discípulos de Jesus demonstravam insatisfação quando tinham que atravessar a região da Samaria. O Mestre, modificando os costumes da época, cruzava a região, sem problemas.
Uma das vezes em que Jesus passou pelas montanhas da Samaria, esteve junto ao Poço de Jacó, onde manteve diálogo com a mulher samaritana. (João, 4: 9 a 14)
– Dá-me de beber.
– Como, sendo tu judeu, me pedes de beber a mim, que sou mulher samaritana?
– Se tu conheceras o dom de Deus e quem é o que te diz Dá-me de beber, tu lhe pedirias, e ele te daria água-viva.
– Senhor, tu não tens com que a tirar, e o poço é fundo; onde, pois, tens a água-viva? És tu maior que Jacó, o nosso pai, que nos deu o poço, bebendo ele próprio dele, e os seus filhos, e o seu gado?
– Qualquer que beber dessa água tornará a ter sede, mas aquele que beber da água que eu lhe der nunca terá sede, porque a água que eu lhe der se fará nele uma fonte de água a jorrar para a vida eterna.
Na sequência do diálogo, uma importante afirmação de Jesus (João, 4: 19 a 24):
Disse-lhe a mulher: Senhor, vejo que és profeta. Nossos pais adoraram neste monte, e tu dizes que é em Jerusalém o lugar onde se deve adorar?
– Mulher, crê-me que a hora vem em que nem neste monte nem em Jerusalém adorarás o Pai. Vós adorais o que não sabeis; nós adoramos o que sabemos porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e verdade, porque o Pai procura a tais que assim o adorem.
Deus é Espírito, e importa que os que o adoram o adorem em espírito e verdade.

Crônicas e Artigos **II. Adoração Exterior**
308 21/04/2013
O Consolador – (F. Altamir da Cunha)

Considerações sobre a adoração

Em O Livro dos Espíritos, lemos que a verdadeira adoração é a do coração, e que em todas as nossas ações, imaginemos sempre que o Senhor está conosco. (1)
Numa conceituação simples, podemos dizer que a adoração consiste na elevação do pensamento a Deus; é, em síntese, um modo de expressar amor, admiração ou gratidão pela divindade, e pode ser realizada de forma exterior ou íntima, pois o importante é a sinceridade de propósito, para que não se transforme numa farsa ou vã simulação.
Mesmo, sabedores de que a verdadeira adoração poderia dispensar manifestações materiais, não podemos olvidar que a adoração exterior tem a sua importância e também é respeitável, conforme falou Emmanuel: "Realmente, toda movimentação nesse sentido é respeitável, ainda mesmo quando cometemos o erro comum de esquecer os famintos da estrada, em favor das suntuosidades do culto, porque o amor e a gratidão ao Poder Celeste, mesmo quando mal conduzidos, merecem veneração". (2)

No entanto, a adoração pode ser feita cotidianamente, pedindo, agradecendo ou louvando a Deus, de forma simples e prática – evitando o mal e fazendo o bem; porque evitar o mal e fazer o bem é a maior prova de respeito e amor a Deus, bem como, a melhor forma de unir a Ele nosso coração.

Por isso, antes de tentarmos sintonizar nossa mente ao Pai, através da adoração ou prece (que também é uma forma de adoração), precisamos munir o coração de bons sentimentos, como ensinou Jesus: "Portanto, se estiveres apresentando a tua oferta no altar, e aí te lembrares de que teu irmão tem alguma coisa contra ti, deixa ali diante do altar a tua oferta, e vai conciliar-te primeiro com teu irmão, e depois vem apresentar a tua oferta". (3)

Com estas palavras, Jesus nos ensinou que sendo Deus a fonte perene de amor, não poderemos com Ele nos comunicar se temos o coração envenenado por ressentimentos ou contrariedades.

*

Os altares e os templos de pedra são recursos materiais que alguns indivíduos necessitam para facilitar a concentração. Mas, dia virá em que aprenderão a adorar em espírito e verdade e, então, dispensarão os condicionamentos materiais, e assim aprenderão a erigir o verdadeiro altar na intimidade do coração, para consagrá-lo ao divino Pai.

A benfeitora Joanna de Ângelis, através da mediunidade de Divaldo Pereira Franco, advertiu: "A maneira mais agradável de adorar a Deus é elevar o pensamento a Ele, através do culto ao bem e do amor ao próximo. Desce à dor e ergue o combalido à saúde íntima; mergulha no paul e levanta ao planalto os que ali encontres; curva-te para socorrer, no entanto, ascende no rumo de Deus pelo pensamento ligado ao seu amor e vencerás os óbices". (4)

Ainda que para nós a mais comum seja a adoração passiva, a benfeitora espiritual nos convida à adoração dinâmica, através da qual concretizamos o nosso amor a Deus em obras de amor ao próximo.
O benfeitor Emmanuel disse que devemos apresentar ao Senhor as nossas oferendas e sacrifícios em quotas abençoadas de amor ao próximo, adorando-o, através do altar do coração, e prosseguindo no trabalho que nos cabe realizar. (5)

Eis por que Jesus falou sobre a necessidade de reconciliação antes da oferta ou adoração: a reconciliação sincera é um ato de amor; é, usando as palavras da benfeitora, "mergulhar no paul" do ressentimento e "levantar ao planalto" do entendimento através do perdão, e dessa forma validarmos a nossa oferta ou adoração a Deus.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

Em O Livro dos Espíritos encontramos:
654 – Deus dá preferência aos que O adoram desse ou daquele modo?

– Deus prefere os que O adoram verdadeiramente com o coração, com sinceridade, fazendo o bem e evitando o mal, àqueles que acreditam honrá-lo por cerimônias que não os tornam melhores para com seus semelhantes.
Os rituais e as fórmulas tidos em algumas religiões como poderosos, apenas impressionam as mentes destituídas de conhecimento sobre a verdadeira natureza de Deus. Justamente por essa ignorância a respeito de Deus foi que Jesus, no diálogo com a Samaritana junto ao poço de Jacó, advertiu-a: "Vós adorais o que não conheceis; nós adoramos o que conhecemos; porque a salvação vem dos judeus. Mas a hora vem, e agora é, em que os verdadeiros adoradores adorarão o Pai em espírito e em verdade; porque o Pai procura a tais que assim o adorem. Deus é Espírito, e é necessário que os que o adoram o adorem em espírito e em verdade". (6)

Por ter o pleno conhecimento a respeito de Deus, Jesus não o limitou à condição humana, o que era muito comum até então (lembremos o relato bíblico que afirma que as ofertas de Abel agradaram a Deus mais do que as de Caim); apresentou-o como Espírito e, como tal, deveria ser adorado – em espírito e verdade.

Referências:

(1) **Kardec** Allan, O Livro dos Espíritos, (resposta à questão 653.)

(2) **Emmanuel,** Fonte Viva, (psicografia Chico Xavier), (cap. 93.)

(3) **Mateus**, 5: 23, 24.

(4) **Ângelis** Joanna de, Leis Morais da Vida, (pg.17.)

(5) **Emmanuel,** Fonte Viva, (psicografia Chico Xavier), (cap. 93.)

(6) **João**, 4:22-24.

Estudo Sistematizado da Doutrina espírita **III. Vida Contemplativa**
41 03/02/2008
O Consolador – (Thiago Bernardes)

Vida de Isolamento e voto de Silêncio

O insulamento é incompatível com o progresso
1. A criatura humana, pela sua estrutura ético psicológica, é dotada por Deus de sentimentos e emoções que a obrigam e a impelem para a vida social. Deus fez o homem para viver em sociedade e para isto outorgou-lhe o atributo da palavra, que é o veículo da comunicação entre os encarnados.

2. Sendo por excelência um ser gregário, um animal social, como há séculos já apregoava a filosofia aristotélica, o homem não pode viver isoladamente.
3. A vida solitária por opção revela sempre uma fuga inconcebível, porque somente indica infração às leis divinas do trabalho e do amor. O insulamento é incompatível com o sentimento de fraternidade que deve existir nos corações humanos.

4. Como o homem não é dotado inicialmente de autossuficiência, condição conseguida pelo trabalho e pelo progresso, ele é dependente de seu semelhante. As faculdades humanas não estão desenvolvidas no mesmo grau e, por isso, como lembra Deolindo Amorim, "há necessidade de viverem uns pelos outros e para os outros, tendo como ponto convergente o bem comum".

Sem o contato social o Espírito se embrutece
5. O insulamento, como já vimos anteriormente, é contrário à lei da Natureza, isso porque pelo próprio instinto o homem busca a vida comunitária de modo a concorrer para o progresso, mediante o auxílio recíproco. A solidão torna o homem improdutivo e inútil para os seus semelhantes e isto "não pode agradar a Deus".

6. A insociabilidade, ao gerar a solidão, atenta contra o próprio instinto de conservação e perpetuação da espécie, entrava o progresso e, dessa forma, embrutece e enfraquece o homem que a ela se devota ou se agarra como fuga.
7. Os cultores da vida reclusa se enfraquecem pela improdutividade e pela estagnação quanto às aquisições dos tesouros da sabedoria e da experiência. Tal atitude revela uma forma de egoísmo e, por isso, só merece reprovação, à luz dos ensinamentos espíritas.

8. Como observa Rodolfo Calligaris, não há "como desenvolver e burilar nossas faculdades intelectuais e morais senão no convívio social, nessa permuta constante de afeições, conhecimentos e experiências, sem a qual a sorte do nosso Espírito seria o embrutecimento e a estiolação".

O voto de silêncio não passa de uma tolice
9. O voto de silêncio adotado por alguns religiosos nada edifica porquanto impede a comunicação entre os indivíduos, o que, em última análise, como sustentam os Espíritos Superiores, "é uma tolice". A palavra é uma faculdade natural concedida por Deus ao homem, para facultar-lhe ocasiões de fazer o bem e de cumprir a lei do progresso. Se Deus quisesse silenciar as suas criaturas pensantes, não lhes teria conferido esse dinâmico atributo.
10. Devemos considerar, no entanto, que há ocasiões em que o silêncio faz-se necessário, como os momentos de recolhimento espiritual, em que o Espírito, mais livre, entra em contacto com o seu Criador e com seus enviados. Fora disto, a vida contemplativa é inteiramente improdutiva e não existem motivos que a justifiquem.

11. Neste sentido, um Espírito Protetor adverte (O Evangelho segundo o Espiritismo, cap. 17, item 10):

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

“Não julgueis que exortando-vos incessantemente à prece e à evocação mental pretendamos vivais uma vida mística, que vos conserve fora das leis da sociedade onde estais condenados a viver. Não. Vivei com os homens da vossa época, como devem viver os homens. Sacrificai às necessidades, mesmo às frivolidades do dia, mas sacrificai com um sentimento de pureza que as possa santificar. Sois chamados a estar em contacto com Espíritos de naturezas diferentes, de caracteres opostos: não choqueis a nenhum daqueles com quem estiverdes. Não consiste a virtude em assumirdes severo e lúgubre aspecto, em repelirdes os prazeres que as vossas condições humanas vos permitem. Basta reporteis todos os atos da vossa vida ao Criador que vo-la deu”.

Crônicas e Artigos **III. Vida Contemplativa**
149 14/03/2010
O Consolador – (Orson Peter Carrara)

Operantes e Contemplativos

Que tipo de reação interior promove o conhecimento espírita dentro do adepto espírita? Como nos comportamos com o conhecimento espírita que vamos adquirindo? Tornamo-nos espíritas operantes ou contemplativos?
Quem são esses espíritas classificados com os adjetivos que utilizamos no título da presente abordagem? Ouvimos essa classificação, atribuída pelo notável Deolindo Amorim (*) (1906-1984), em palestra proferida pelo querido amigo Raul Teixeira, cuja temática referia-se ao adepto espírita.

Conforme tão bem explanado por Raul, utilizando-se da classificação didática de Amorim, espíritas operantes são aqueles que, tendo adquirido o conhecimento espírita, procuram expandir, transformar em informação que auxilie outras criaturas, dando sequência aos desdobramentos naturais trazidos pelo conteúdo doutrinário, para que novas luzes se espalhem em favor de outros companheiros de caminhada.
Em síntese, são aqueles que, de posse da informação do Espiritismo, procuram multiplicá-la de forma didática, atraente e especialmente aplicada ao cotidiano das vidas humanas, para que mais e mais consciências se beneficiem da clareza e lucidez do pensamento espírita.

Essa atitude positiva, característica marcante de obreiros conscientes, na movimentação e multiplicação das idéias, não só através do verbo – mas principalmente pela ação do bem e pelo exemplo pessoal –, é capaz de operar prodígios em favor da paz e do progresso coletivo.
Por outro lado, os espíritas contemplativos são aqueles que optam pela postura de acomodação; que apenas guardam o conhecimento, sem a ação correspondente esperada como fruto natural do dinamismo do próprio conteúdo doutrinário do Espiritismo.
Conhecem, mas guardam para si.
Descuidam-se do dever de espalhar o fruto de seus raciocínios, do entusiasmo próprio que poderiam impregnar o conteúdo de suas reflexões para que outras criaturas se beneficiem desse conhecimento.

Num instante tão grave e tão decisivo na história de nossas vidas, já não podemos nos dar ao luxo de guardar o conhecimento que vamos acumulando, deixando-o estagnado.
Parece-nos que o dever primeiro que surge, após o esforço pessoal da melhora moral na aplicação pessoal do referido conhecimento é o de espalhar, compartilhar e, especialmente, utilizar mecanismos que o tornem acessível e compreensível ao maior número de criaturas, especialmente aquelas que se debatem nas agruras das angústias, do desespero, das dúvidas que massacram o coração.
Tudo para que se levantem de suas agonias e possam prosseguir aprendendo e evoluindo.

Todo bem que fizermos, toda iniciativa que redunde em aprimoramento da qualidade de vida, será providência de importância para superação dos grandes desafios existenciais do ser humano e para melhora do planeta.
Deixemos, pois, os estágios de acomodação.
Movimentemos nossas forças físicas e intelectuais para perceber ao nosso redor qual contribuição podemos oferecer com o conhecimento que já detemos, em favor de tantos que ainda o ignoram.

As possibilidades são inesgotáveis. Basta colocarmos nossa criatividade em ação.
Como ensina a resposta à questão 969 de O Livro dos Espíritos – que se refere à atividade dos Espíritos puros –, a postura de contemplação é de uma felicidade estúpida e monótona; seria mais a do egoísta, uma vez que a existência seria de inutilidade.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

Embora a explicação refira-se aos Espíritos puros, ela cabe igualmente a nós, os que ainda estamos a caminho.
E já que buscamos combater o egoísmo que ainda persiste em nós, comecemos, pois, a sair da acomodação para movimentar forças.
Pelo menos em gratidão às bênçãos do conhecimento que nos beneficia.

(*) Deolindo Amorim foi um grande didata a serviço do Espiritismo.
De personalidade serena e afetuosa, lutou incessantemente contra a corrupção do pensamento doutrinário e pelo entendimento da obra de Kardec.

Crônicas e Artigos **IV. Da Prece**
179 10/10/2010
O Consolador – (Rodinei Moura)

O Caráter da Prece

Na pergunta número 659 de O Livro dos Espíritos, Allan Kardec pergunta à Espiritualidade qual o caráter geral da prece. Resposta: “A prece é um ato de adoração. Orar a Deus é pensar nele; é aproximar-se dele; é pôr-se em comunicação com ele. A três coisas podemos propor-nos por meio da prece: louvar, pedir, agradecer”.

Como podemos ver, a prece é um momento de intimidade com Deus, do qual não podemos jamais abrir mão, já que é uma poderosa ferramenta para nos saturarmos de energia extremamente positiva e desta forma transpor os obstáculos do dia-a-dia.

Abrir mão da prece é desconhecer a bondade divina. É estar longe de entender a grandeza do projeto que Deus tem para nós. E é ao mesmo tempo ignorar as potencialidades do espírito imortal que somos, criados à imagem e semelhança de Deus, e por esta razão cocriadores em Deus.

Podemos nestes momentos louvar a Deus por compreender que somente um autor maravilhoso faz coisas maravilhosas. E para compreender isto basta olhar para a natureza e ver a mão do Pai Celeste em tudo aquilo que o homem não foi capaz de criar, mas que está aí, para nos extasiar com sua beleza e riqueza de detalhes.

A perfeição é o lema do Universo. Ela nos fala de Deus. Ela nos apresenta o Senhor de todas as coisas, para todo aquele que realmente queira enxergar e não se entorpeça com o orgulho.

Mas em nossas preces podemos também pedir. E geralmente pedimos muito. E recebemos muito, embora nem sempre recebamos o que pedimos. Recebemos sempre o de que precisamos.

Recebemos as bênçãos em formas de sementes que muitas vezes jogamos às contas de nossa inteligência e nossa sorte e nos esquecemos de agradecer.

Sementes que florescerão de acordo com o cuidado que tivermos com elas, plantando, regando, podando, e esperando o tempo do devido fruto, sem desconsiderar o tipo de solo em que será plantada. Simples lei de ação e reação.

Mas quando estivermos na condição de agradecer, estaremos mais pertos de Deus, pois é sinal de que nossos olhos se abriram, os olhos da alma, aqueles que enxergam a essência da vida.

E é somente através destes olhos que podemos enxergar o ser eterno no qual estamos mergulhados e que está constantemente cuidando de nós.

Estudo Sistematizado da Doutrina espírita **IV. Da Prece**
140 10/01/2010
O Consolador – (Thiago Bernardes)

A Prece e sua eficácia

Quando ditas de coração, são boas as preces de todos os cultos

1. Há pessoas que contestam a eficácia da prece com fundamento no princípio de que, conhecendo Deus as nossas necessidades, desnecessário e inútil se torna expô-las ao Pai Eterno. Tal argumento, contudo, não é correto porque, independentemente de Deus conhecer nossas necessidades, a prece proporciona por si só a quem ora um bem-estar muito grande, visto que aproxima a criatura do Criador e, filha primogênita da fé, nos encaminha para a senda que conduz a Deus.

2. Como sabemos, não existe uma fórmula especial para que alguém ore. Quando ditas de coração e não apenas de lábios, são boas as preces de todos os cultos. Independentemente de fórmula, o principal é que as preces sejam claras, simples, concisas.

3. A prece pode ter por objeto um pedido, um agradecimento ou uma glorificação. Dirigidas a Deus, são ouvidas pelos Espíritos incumbidos pelo Criador de executar sua vontade. Eis por que pela prece o homem obtém o concurso dos bons Espíritos, que acorrem a sustentá-lo em suas boas resoluções e a inspirar-lhe ideias sãs. Aquele que ora com fervor adquire, desse modo, a força moral necessária a vencer as dificuldades e a volver ao caminho reto, se deste se afastou, podendo também, por esse meio, desviar de si os males que atrairia com suas faltas.

4. Embora Jesus tenha dito que tudo o que pedirmos com fé, em oração, nós o receberemos, seria ilógico deduzir que basta pedir para obter, do mesmo modo que seria injusto acusar a Providência se esta não acede a toda súplica que lhe fazemos. É preciso ter sempre em mente que Deus sabe, melhor do que nós, o que realmente nos convém nessa ou naquela circunstância. Um pai criterioso também recusa ao filho o que seja contrário aos seus interesses.

A prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante

5. O que o homem não deve esquecer, em todos os momentos e circunstâncias da vida, é a prece do trabalho e da dedicação, no santuário das lutas purificadoras, porque Jesus abençoará as suas realizações de esforço sincero.

6. O santuário doméstico que encontre criaturas amantes da oração e dos sentimentos elevados converte-se em campo sublime das mais belas florações e colheitas espirituais. Para tanto, não pode a prece ser um movimento mecânico de lábios, nem disco de fácil repetição no aparelho da mente. A prece é – e deve ser – vibração, energia, poder.

7. A pessoa que ora, mobilizando as próprias forças, realiza trabalhos de grande significação e põe-se em contacto com as fontes superiores da vida. Os raios divinos expedidos pela prece santificadora convertem-se em fatores adiantados de cooperação eficiente e definitiva na cura do corpo, na renovação da alma e na iluminação da consciência.

8. Toda prece elevada é manancial de magnetismo criador e vivificante e, por causa disso, toda criatura que cultiva a oração, com o devido equilíbrio, transforma-se gradativamente em foco irradiante de energias da Divindade.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

É preciso humildade para compreender as respostas de Deus

9. Aprendamos, pois, a orar e igualmente a entender as respostas do Alto às nossas súplicas. Se vamos expor em prece ao Senhor os nossos obstáculos, pedindo as providências que nos sejam necessárias à paz e à execução dos encargos que a vida nos delegou, supliquemos também ao Pai nos ilumine o entendimento para que saibamos receber dignamente suas decisões.

10. Entre o pedido que parte da Terra e o suprimento que vem do Alto, é imperioso funcione a alavanca da vontade humana, com decisão e firmeza, para que se efetive o auxílio solicitado.

11. Confiemos em Deus e supliquemos o seu amparo, mas – se quisermos receber a bênção divina – procuremos esvaziar o coração de tudo o que discorde das nossas petições, a fim de oferecer à bênção divina clima de aceitação, base e lugar.

12. Todos, em verdade, podemos endereçar a Deus, em qualquer parte e em qualquer tempo, as mais variadas preces; contudo, precisamos todos nós cultivar paciência e humildade para esperar e compreender as respostas de Deus.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (capítulos XXVII e XXVIII.)

Emmanuel, O Consolador, (psicografia Chico Xavier), (questão 306.)

Emmanuel, Ceifa de Luz, (psicografia Chico Xavier), (p. 157.)

Emmanuel, Rumo Certo, de Emmanuel, (psicografia Chico Xavier), (pp. 71 a 73.)

André Luiz, Missionários da Luz, (psicografia Chico Xavier), (pp. 64 a 67.)

Irmão X, Cartas e Crônicas, (psicografia Chico Xavier), (p. 15.)

Estudo Sistematizado da Doutrina espírita **V. Politeísmo**
128 11/10/2009
O Consolador – (Thiago Bernardes)

Politeísmo ou paganismo

Politeísmo implica a crença em uma pluralidade de deuses

1. Ensina o Espiritismo, na questão 667 d´O Livro dos Espíritos, que a concepção de um Deus único não poderia existir no homem senão como resultado do desenvolvimento de suas ideias. Incapaz de conceber um ser imaterial, sem forma determinada, o homem conferiu-lhe atributos da natureza corpórea e desde então tudo o que parecia ultrapassar os limites da inteligência comum era, para ele, uma divindade, uma potência sobrenatural.

2. Politeísmo é, como o próprio vocábulo indica, a crença religiosa em uma pluralidade de deuses, ou a adoração de mais de um deus. Conforme assinalam os Espíritos na questão 668 da obra citada, ao chamarem deus a tudo o que era sobre-humano, os homens tomavam os Espíritos como se fossem deuses. Disso resultou que quando um homem por suas ações, pelo seu gênio, ou por um poder oculto que o vulgo não lograva compreender, se distinguia dos demais, faziam dele um deus e, após sua morte, lhe rendiam culto.

3. A palavra Deus tinha, entre os antigos, acepção muito ampla e não indicava, como presentemente, uma personificação do Senhor da vida. Era uma qualificação genérica, que se dava a todo ser existente fora das condições da Humanidade, o que é fácil de verificar estudando atentamente os atributos das divindades pagãs.

4. Entre os vários fatores responsáveis pela criação e multiplicação dos deuses devemos salientar: a) a personificação das forças da natureza e sua consequente elevação ao reino da divindade; b) a divinização de antepassados e heróis; c) a centralização política dos grandes Estados, provocando a fusão e a unificação de culturas e crenças. Daí derivaram os três principais sistemas do politeísmo: a **idolatria** – adoração de muitos deuses personificados por ídolos grosseiros; o **sabeísmo** – culto dos astros e do fogo; e o **feiticismo** ou **fetichismo** – adoração de tudo quanto impressiona a imaginação e a que se atribui poder.

5. O vocábulo paganismo é comumente utilizado como sinônimo de politeísmo. Em essência, ele o é mesmo, mas, do ponto de vista histórico e teológico, não. Quando Constantino consagrou o Cristianismo como a nova religião do Império Romano os não-cristãos foram chamados de pagãos – adeptos do paganismo. Acabaram então sendo generalizados como pagãos tanto os politeístas propriamente ditos como os monoteístas não-cristãos.

A história religiosa da Humanidade divide-se em seis períodos

6. Os feiticistas eram, na sua origem, politeístas, como ainda se dá entre os povos selvagens. Segundo C. de Brosses em “Do Culto dos Deuses Fetiches”, todas as religiões, exceto a dos hebreus, derivaram do fetichismo, que por sua vez teve origem no medo. J. Lubboch dividiu em seis períodos a história religiosa da Humanidade:
1º – ateísmo;
2º – fetichismo ou feiticismo (vocábulo que veio do português feitiço, sortilégio);
3º – culto da natureza;
4º – xamanismo (religião dos xamãs, feiticeiros profissionais);
5º – antropomorfismo;
6º – crença em um Deus criador e providencial. Não há, na antropologia, consenso, geral quanto à diferenciação precisa entre xamã, feiticeiro e sacerdote. Costuma-se empregar o termo xamã assim como xamanismo no contexto dos povos asiáticos.

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

7. Em 1767, o francês N. S. Bergier defendeu a tese segundo a qual o fetichismo se explicava pela semelhança que existe entre a mentalidade do homem primitivo e a da criança, que empresta alma e personalidade ativa a cada um dos objetos que a rodeiam.
A etnologia comparada permitiu a E. B. Tylor retomar e desenvolver essa ideia.

8. Estudando as origens do politeísmo e do paganismo, Emmanuel em seu livro "A Caminho da Luz" afirmou que a gênese de todas as religiões da Humanidade teve origem no coração augusto e misericordioso do Cristo, em face, evidentemente, de ser ele o diretor espiritual do orbe terrestre. Para tanto, de tempos em tempos, ele envia mensageiros à Terra para ensinar e difundir as verdades evangélicas, que são recepcionadas e interpretadas segundo o nível evolutivo de cada época.
9. Constitui, portanto, erro crasso julgar como bárbaros e pagãos os povos terrenos que ainda não conhecem diretamente as lições do Evangelho, porquanto a sua desvelada assistência acompanhou e ainda acompanha a evolução das criaturas em todas as latitudes do planeta. A história da China, da Pérsia, do Egito, da Índia, como a dos árabes, dos israelitas, dos celtas, dos gregos e dos romanos, está alumiada pela luz dos seus poderosos emissários e muitos deles tão bem se houveram, no cumprimento dos seus deveres, que foram havidos como sendo o próprio Cristo em reencarnações sucessivas e periódicas.

10. Outro alerta que Emmanuel nos faz na referida obra é sobre a unidade substancial das religiões. Afirma o conhecido mentor espiritual que todos os livros e tradições religiosas da Antiguidade guardam entre si a mais estreita unidade substancial. As revelações evolucionam numa esfera gradativa de conhecimento e todas se referem ao Deus impersonificável, que é a essência da vida de todo o Universo.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 667 a 669.)

Emmanuel, A Caminho da Luz, (psicografia Chico Xavier), (pp. 17 a 33, 83 e 84.)

Delta Larousse Enciclopédia, (volume 4, pp. 1733 e 1780.)

Ciências Sociais Dicionário de, FGV, (1986, pág. 921.)

Estudo Sistematizado da Doutrina espírita **VI. Sacrifícios**
141 17/01/2010
O Consolador – (Thiago Bernardes)

Sacrifícios, mortificações e promessas

O propósito declarado do sacrifício varia entre as diferentes culturas
1. O vocábulo sacrifício tem, conforme a etimologia, o sentido de se "fazer alguma coisa sagrada". Em seu sentido primitivo e unicamente religioso, representa uma oferenda que se faz à divindade por meio de rituais. A oferenda pode ser representada por uma pessoa, por um animal ou ainda por produtos de origem vegetal ou outros objetos.

2. Importante que se faça distinção entre o conceito religioso do termo e sua concepção popular. Assim, no aspecto religioso, além da característica do ritual, subentende-se que o sacrifício será consumido pela divindade. Tarefas que certas religiões exigem de seus adeptos, como, por exemplo, o pagamento de dízimos, não constituem sacrifícios, mas regras da prática religiosa.

3. O propósito declarado do sacrifício varia muito entre as diferentes culturas. Por extensão, pode ele ser considerado como uma renúncia ou privação voluntária de alguma coisa, como a privação dos gozos inúteis, que a Doutrina Espírita considera ato meritório, porque desprende da matéria o homem e eleva sua alma.

4. Resistir à tentação que arrasta ao excesso ou ao gozo das coisas inúteis, tirar do que temos para dar aos que carecem do bastante, fazer o bem aos nossos semelhantes – eis algumas práticas que apresentam grande mérito dentro do rol das chamadas privações voluntárias.

Certas religiões impõem a mortificação para a remissão dos pecados
5. A realização de sacrifícios religiosos está geralmente relacionada com as mortificações e as penitências. O verbo mortificar é sinônimo de afligir, atormentar, castigar, macerar o próprio corpo com penitências. A mortificação ocorreria devido ao arrependimento ou à dor resultante do pecado cometido.

6. Em função do arrependimento, certas autoridades religiosas impõem uma pena ao arrependido para remissão de seus pecados, pena essa representada por jejuns, orações, macerações do corpo e outras tantas mortificações inerentes às manifestações de culto externo.

7. Em seu livro "Elucidações Evangélicas", Sayão examina o assunto "penitência" e informa que essa prática é, segundo algumas religiões, necessária ao pecador que não deseja agravar sua culpa e tornar-se, por conseguinte, passível de maiores castigos.

8. A penitência, tal como a entendia Jesus, não consiste, porém, na reclusão em claustros, nos cilícios e em outras tribulações materiais. Ela consiste no arrependimento sincero e profundo e no propósito firme em que a criatura se coloca de não tornar a cometer as faltas que a arrastaram à mísera condição humana e esforçar-se por repará-las.

Enfraquecer o corpo sem necessidade é verdadeiro suicídio
9. O Espírito penitente – assevera Sayão – "absorve-se todo na oração e na vigilância que Jesus recomendava e que formam um como antemural às ondas de paixões que nos lançam no abismo do infortúnio".

10. Falando sobre a mortificação e seu mérito, aconselham os Espíritos superiores: "Procurai saber a que ela aproveita". "Se somente serve para quem a pratica e o impede de fazer o bem, é egoísmo, seja qual for o pretexto com que entendam de colori-la. Privar-se a si mesmo e trabalhar para os outros, tal a verdadeira mortificação, segundo a caridade cristã." (L.E., 721.)

O Livro dos espíritos – (Livro III – Capítulo II)

11. Debilitar o corpo com privações inúteis e macerações sem objetivo, torturar e martirizar voluntariamente o corpo material são atos que, evidentemente, contrariam a lei de Deus, porquanto enfraquecer o veículo corpóreo sem necessidade é verdadeiro suicídio.

12. No intuito de obter favores ou mesmo agradar a Deus ou aos Bons Espíritos, algumas pessoas executam determinadas ações ou se impõem certas privações a que chamam de promessa. Ora, as promessas já tiveram sua época e já vai distante o tempo das supersticiosas imposições da teocracia. Ao seu reinado sucedeu o império da inteligência e da razão, únicos fundamentos inabaláveis da fé esclarecida e ativa. Sacrifícios, mortificações e promessas são, portanto, manifestações materiais do culto externo, praticadas por pessoas ainda distantes das verdades espirituais.

Bibliografia:

Kardec Allan, O Livro dos Espíritos, (questões 720 a 726.)

Kardec Allan, O Evangelho segundo o Espiritismo, (cap. V, item 26.)

Antônio Luiz Sayão, Elucidações Evangélicas, (pp. 143 a 145 e 465.)

Benedicto Silva e outros, Dicionário de Ciências Sociais, (p. 1094.)

Cardenal Francesco Roberti, Dicionário de Teologia Moral, (p. 816.)

Crônicas e Artigos **VI. Sacrifícios**
262 27/05/2012
O Consolador – (José Reis Chaves)

Sacrifícios de sangue agradam apenas aos Espíritos atrasados

Praticando o mal, traçamos o nosso destino provisório de sofrimento, pois vamos colhendo o que semearmos como nos ensinam as escrituras sagradas de todas as religiões.

E, assim, vamos caminhando, até que consigamos a difícil passagem pela porta estreita, segundo o Mestre dos mestres, a qual muitos querem, mas não conseguem passar por ela, e, ao que, eu acrescento que, por enquanto, muitos nem sequer querem passar por essa porta. Mas não faltará o momento de eles o desejarem e por ela conseguirem passar, como aconteceu com o filho pródigo da parábola que, só após colher os amargos e disciplinares frutos da má semeadura que fez, despertou para a sua libertação.

Deus, ao criar o homem, sabia de nossos reveses. Mas sabia também que o tempo, que é seu e sem fim, nos seria dado suficientemente para que todos nós, Espíritos imortais, pudéssemos usá-lo pelas eternidades afora, até que conseguíssemos, um dia, a nossa difícil libertação.
Realmente, Deus jamais criaria um filho seu para um sofrimento irremediável e sem fim, já que Ele só cria com sabedoria e amor infinitos. Portanto, jamais o Nazareno quis dizer que quem não passasse pela porta estreita não mais passaria por ela.

O nosso sofrimento não significa castigo e, menos ainda, coisa agradável a Deus. Essa ideia dos teólogos do passado admite, mesmo que inconscientemente, um Deus que é vingativo e até sádico. Mas, na verdade, jamais Deus se deleitaria com o sofrimento de uma pessoa ou de um animal. O apóstolo Paulo ensina que o mesmo fogo (dor) que queima uma obra, provocando dano em alguém, salva a ele mesmo, como que através do fogo (1 Coríntios, 3:15).
E o fogo bíblico é diferente, esotérico, figurado e purificador do espírito, o que nos traz à memória o Purgatório da Igreja, elogiado por Kardec.

O sofrimento, pois, nada mais é do que a colheita da má semeadura. Ele serve apenas de disciplina para a correção do erro, e não é, eu repito, nada agradável a Deus, como aquela teologia antiga ensinava, por confundir sofrimento com virtude, prazer e alegria com pecado.

De fato, os teólogos do passado, inclusive alguns que escreveram textos bíblicos, por influência da mitologia, dos sacrifícios de religiões pagãs feitos aos deuses ou demônios (Espíritos humanos atrasados), que eles confundiam com o Espírito do próprio Deus, e, principalmente, por causa do sacrifício de Jesus na cruz, entenderam e ensinaram que Deus se compraz com rituais de sangue derramado, o que eu tenho denominado de “teologia do sangue”.

Esse foi um dos grandes erros dos teólogos judeus e cristãos antigos, que ainda é aceito por muitos religiosos, e que foi veementemente condenado por Jesus: “Basta de sacrifícios, eu quero misericórdia!”.

Se Jesus, cuja vontade é a de Deus, detesta sacrifícios e quer misericórdia, como, pois, Deus poderia nos dar por destino irremediável o nosso sacrifício infernal da “Divina Comédia” de Dante, anulando, por completo, a sua tão decantada misericórdia infinita?
Não nos esqueçamos de que Jesus morreu na cruz, justamente em consequência de Ele ter vindo trazer para nós regras de como nos libertarmos, o quanto antes, do sofrimento e da dor.

E são essas regras, ou seja, o Evangelho, o que nos salva, e não os sacrifícios agradáveis apenas aos Espíritos atrasados!